

Artigo recebido em:
01.11.2017
Aprovado em:
19.12.2017

Felipe Simão Pontes

Professor do Programa
de Pós-Graduação em
Jornalismo da Universi-
dade Estadual de Ponta
Grossa.

E-mail: felipe271184@
yahoo.com.br.

**Gabriela Cavalcanti
Carneiro de Almeida**

Mestranda em Jornalis-
mo da Universidade Esta-
dual de Ponta Grossa.

E-mail: gabicalmeida@
gmail.com.

A pesquisa acadêmica sobre jornalismo na pós-graduação brasileira: dados sobre as teses e dissertações publicadas nos programas de Comunicação e Jornalismo (1972-2015)

Felipe Simão Pontes

Gabriela Cavalcanti Carneiro de Almeida

Resumo

O artigo apresenta o levantamento de teses e dissertações publicadas em programas de pós-graduação em Comunicação e Jornalismo (1972-2015), quantifica as pesquisas que tematizam o Jornalismo, expõe a distribuição regional dessas produções e identifica o sexo dos pesquisadores. Para a realização da pesquisa, foi necessário o cruzamento de dados fornecidos pelo banco de teses e dissertações da Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, mapeamento publicado por projeto desenvolvido na UFRGS (teses e dissertações da área de 1992 a 2002), repositórios online, site das instituições e dos programas de pós-graduação e catálogos internos de algumas instituições. Embora não seja objetivo uma análise do conteúdo da produção, este artigo colabora para a compreensão do desenvolvimento tanto dos programas da área como da produção acadêmica sobre Jornalismo no país. O resultado do mapeamento indica que aproximadamente um quarto das pesquisas desenvolvidas nas pós-graduações brasileiras em Comunicação tematizam o Jornalismo.

Palavras-Chave: Pesquisa Acadêmica. Jornalismo. Comunicação.

Abstract

This paper presents the survey of theses and dissertations published in Communication and Journalism Brazilian postgraduate programs (1972-2015) to quantify the research about Journalism, exposing the regional distribution of this productions and to identify a gender profile of the researchers. In order to carry out the research, it was necessary to cross data provided by the thesis and dissertations bank of Capes, Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations, mapping published by a project developed at UFRGS (theses and dissertations from the area from 1992 to 2002), repositories online, institutions sites, postgraduate programs sites and internal catalogs in some institutions. Although a content analysis of production is not the objective, this article contributes to understanding the development of the field's programs and the academic production on Journalism in the country. The result of the mapping indicates that about a quarter of the Brazilian research developed in Communication programs are about Journalism.

Keywords: Academic Research. Journalism. Communication.

As discussões político-acadêmicas da área quanto à especificidade da pesquisa em Jornalismo são históricas e advêm em grande medida dos debates que compõem toda a estrutura acadêmica dessa subárea (MELO et al, 2009; MEDITSCH, 1992; 2012; PONTES, 2015). Podemos citar quatro aspectos dessa questão, longe de esgotarmos as diferentes nuances que configuram o debate: a) a obrigatoriedade do diploma para o exercício profissional do Jornalismo; b) a formação específica em Jornalismo frente ao bacharelado em Comunicação Social; c) a localização do Jornalismo como subárea de conhecimento da área de Ciências Sociais Aplicadas I/ Comunicação e Informação; d) a existência de programas de pós-graduação específicos em Jornalismo, bem como linhas de pesquisa que o contemplem diretamente.

Nosso objetivo neste texto é comprovar que o Jornalismo configura-se quantitativamente como objeto relevante nas pesquisas realizadas nos programas de pós-graduação da área de Comunicação e Informação desde o seu surgimento, em 1972, até o presente (2015), mais especificamente nas teses e dissertações deste período. Tomamos como parâmetro estudos que quantificam e qualificam esta produção nos programas da área, como Romancini (2006) e Lopes e Romancini (2012), e nos juntamos aos esforços de avaliações similares realizadas sobre a apresentação de trabalhos em eventos importantes da área, em revistas estratificadas e dissertações e teses (SILVA; PONTES, 2010).

Os dados foram produzidos a partir de um grande levantamento sobre todas as teses e dissertações brasileiras defendidas em programas de pós-graduação no período de 1972 a 2015. O esforço é parte do resultado da dissertação *As mulheres na pesquisa em Jornalismo: teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação em Jornalismo e Comunicação do Brasil (1972-2015)*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa e desenvolvida junto ao grupo de pesquisa Jornalismo, Conhecimento e Profissionalização.

Este texto caracteriza metodologicamente como foi constituído o banco de teses e dissertações em Comunicação, discute o estatuto da pesquisa da pesquisa (modalidade de estudo que sustenta nosso argumento) e apresenta características dessa produção, tais como: quantidade de dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação em Comunicação e em Jornalismo, distribuição por ano, evolução quantitativa da produção, distribuição da produção por programas de pós-graduação, distribuição da produção por região e sexo dos pesquisadores. O principal resultado que chegamos é que o Jornalismo é objeto empírico de praticamente um quarto das dissertações e teses realizadas na área em 43 anos de história, com presença significativa ao longo do tempo, além de aumento e consolidação de sua presença nos últimos dez anos.

A pesquisa da pesquisa

Segundo a professora e pesquisadora em Educação, Norma Sandra de Almeida Ferreira (2002), é perceptível o avanço de pesquisas denominadas “estado da arte” ou “estado do conhecimento” nos últimos anos, tanto no Brasil como em outros países. De caráter bibliográfico, essas pesquisas têm por desafio mapear e/ou discutir a produção acadêmica de determinado campo do conhecimento. No campo da Comunicação, embora se encontre pesquisas desse caráter (OTRE, 2015; COSTA, 2015; VIEIRA, 2014; PINHEIRO, 2013; ROMANCINI, 2006; PONTES, 2009; ESCOSTEGUY, 2008; PEREIRA; WAINBERG, 1999; SILVA, 1989), ainda não é expressivo o mapeamento da produção do conhecimento científico (ESCOSTEGUY, 2008).

A professora e pesquisadora em Comunicação, Ana Carolina Escosteguy (2008, p. 8), chama atenção para a desvalorização destes trabalhos no campo, considerados

como “[...] enfadonhos, formalistas e ‘de segunda’”. Um dos resultados dessa lacuna é a invisibilidade da pesquisa realizada no campo da Comunicação para os seus próprios pesquisadores. Esse tipo de documentação – seja descritiva ou interpretativa na medida em que avalie as abordagens teórico-metodológicas e os resultados das investigações inventariadas – é essencial para que a pesquisa avance, pois é através dela que são detectados os consensos e as lacunas, os avanços e as deficiências sobre a problemática em tela. Não é a familiaridade com o estado do conhecimento sobre um tema dentro de uma área o que torna o pesquisador capaz de problematizá-lo? (ESCOSTEGUY, 2008, p. 8-9).

Seguindo o que aponta Maldonado (2003, p. 205), as problematizações teórico-metodológicas e gnosiológicas, bem como aplicadas, acrescentamos, “[...] demandam o aprofundamento de perspectivas históricas na estruturação de suas pesquisas”. Como demonstra a pesquisa de Pontes (2009) sobre a história do Jornalismo, a exegese conceitual, a construção da problemática e do objeto de pesquisa, bem como os recursos metodológicos pressupõem uma crítica histórica sobre o que já foi produzido em uma área de conhecimento. Ignorar a história da pesquisa, portanto, é prescindir do entendimento paradigmático que mobiliza a construção do conhecimento sobre uma área - para o nosso ensejo aqui, o Jornalismo. Maldonado chama essa perspectiva de reflexão e construção de um campo epistemológico de “pesquisa da pesquisa”:

A pesquisa da pesquisa propõe-se numa perspectiva epistemológica histórica/ genética/ construtiva/ política que problematiza os paradigmas e modelos teóricos, explicitando-os na sua configuração interna – sistema de hipóteses, categorias, conceitos e noções – e vinculando-os às suas fontes de conhecimento precedentes e contemporâneas. Isso significa problematizações teóricas aprofundadas que estudem com respeito, sistematização e senso crítico os argumentos teóricos de cada modelo, realizando uma desconstrução minuciosa – que requer de tempos lógico-reflexivos adequados ao amadurecimento da pesquisa – e reformulando questões teóricas em interrelação com outras vertentes conceptuais (sic) importantes para as problematizações em comunicação (MALDONADO, 2003, p. 206).

Ao entender o ciclo da pesquisa “[...] como um processo de trabalho que dialeticamente termina num produto provisório e recomeça nas interrogações lançadas pela análise final” (MINAYO, 1993, p. 17), percebe-se a “pesquisa da pesquisa” como uma possibilidade sólida de potencializar novas perguntas e perspectivas de investigação científica. Ademais, conhecer o que já foi pesquisado facilita o percurso de pesquisa; a partir desse conhecimento o pesquisador ou pesquisadora pode prever possíveis falhas que já foram cometidas e, assim, evitá-las.

No caso de resultados de pesquisa da pesquisa, é possível estabelecer no âmbito diacrônico como se organizam ao longo do tempo as pesquisas de uma dada área, quais conceitos, teorias e objetos mais utilizados. Do mesmo modo, oferece as lacunas, temas pouco explorados e que precisam de maior atenção dos pesquisadores. Permite ainda perceber as transformações pelas quais passa a pesquisa, oferecendo parâmetros que permitem avaliar qualitativamente a história da pesquisa de uma dada área. Por sua vez, de modo sincrônico, esta modalidade permite a construção de conceitos, a consolidação de objetos de pesquisa e a afirmação categórica da natureza do conhecimento sobre determinado objeto.

Na área de Comunicação alguns estudos se dedicam a fazer esse trabalho de pesquisa da pesquisa. Gislene Silva (1989) é a primeira da área que se dedica a re-

visar a concepção de comunicação rural nas teses e dissertações brasileiras. Pereira e Waiberg (1999) realizam um inventário da pesquisa sobre Jornalismo em teses e dissertações, livros e artigos. Um trabalho de grande fôlego sobre a pesquisa e pós-graduação brasileira foi realizado por Richard Romancini (2006), que, igualmente, fez um levantamento bibliométrico das teses e dissertações brasileiras em Comunicação - esforço atualizado no relatório sobre a pós-graduação brasileira, publicado juntamente com Maria Immacolatta Vassalo Lopes (ROMANCINI; LOPES, 2012). PONTES (2009), inventariou as teses e dissertações em Jornalismo e História do Jornalismo, com vistas a compreender as bases teórico-metodológicas destas pesquisas. Mais recentemente, Maria Alice Otre (2015) investigou teses e dissertações de 1972 a 2012 que tematizaram a comunicação popular e alternativa.

Além da dissertação de Pontes (2009), há grande empenho para entender o lugar do Jornalismo na pesquisa em Comunicação (BERGER, 2002; SILVA, 2009); análise da produção de artigos científicos sobre jornalismo publicados em revistas acadêmicas (STRELOW, 2011); esforços metodológicos e teóricos para classificar qualitativamente a produção sobre jornalismo com base em artigos publicados em anais de eventos da área (MEDITSCH; SEGALLA, 2004; SILVA, 2008; GONÇALVES; SANT'ANNA, 2012; ANUNCIAÇÃO, 2016); bem como sobre o perfil dos programas de pós-graduação no Brasil (MACHADO, 2004).

Breves referências sobre as pós-graduações em Comunicação no Brasil

A história das pós-graduações em Comunicação no Brasil não possui registro tão significativo diante dos seus mais de 45 anos. Não há consenso sobre qual foi o primeiro programa, sobre características, quantidade de professores, estudantes e das dissertações e teses que o compõem. Porém, reunindo trabalhos como os realizados por Stumpf e Capparelli (s.d; 2001), Stumpf, Rocha e Vaz (200?), Romancini (2006) e Romancini e Lopes (2012), é possível aferir dados que apresentam a evolução quantitativa dos programas de Comunicação, bem como aspectos qualitativos da política de expansão da área.

Romancini e Lopes (2012, p. 80-84) indicam que os primeiros programas de pós-graduação em Comunicação no Brasil foram USP (1972 mestrado e 1980 doutorado), UFRJ (1972 mestrado, 1983 doutorado), UnB (1974 mestrado, 2003 doutorado), PUC-SP (1978 mestrado, 1981 doutorado) e UMESP (1978 mestrado, 1995 doutorado). Na década de 1980, apenas a Unicamp teve seu mestrado iniciado em 1987 (doutorado em 1998). Nos anos 1990, houve um avanço importante nas pós-graduações da área, com o início da descentralização do sudeste e capital federal, com os programas da UFBA (1990 mestrado, 1995 doutorado), PUC/RS (1994 mestrado e 1999 doutorado), Unisinos (1994 mestrado e 1999 doutorado), UFRGS (1995 mestrado e 2001 doutorado), UFMG (1995 mestrado e 2003 doutorado), UFF (1997 mestrado e 2002 doutorado), UNIP (1997 mestrado) e UFPE (1998 mestrado e 2006 doutorado). Na primeira década de 2000, dobra o número de programas: UTP (2000 mestrado e 2009 doutorado); UERJ (mestrado 2002 e doutorado 2012); PUC/RJ (2003 mestrado); Cásper Líbero (2006 mestrado); ESPM (2006 mestrado); UFSM (2006 mestrado); UNISO (2006 mestrado); UFSCar (2006 mestrado); UFJF (2006 mestrado); UAM (2006 mestrado); PUC/MG (2007 mestrado); UEL (2007 mestrado); UFG (2007 mestrado); UFPB (2007 mestrado); UFSC (2007 mestrado); UCB (2008 mestrado); UFAM (2008 mestrado); UFC (2008 mestrado); USP (PPGMPA 2009 mestrado e doutorado); UFRN (2009 mestrado e doutorado 2016); USCS (2009 mestrado).

A partir de 2010, os programas que passaram a funcionar foram: UFPR (2010 mestrado); UFPA (2010 mestrado); UFPI (2011 mestrado); UFMS (2011 mestrado).

¹A listagem da Compós, disponível no site da associação, identifica o número de 48 programas de pós-graduação associados. Mas na listagem acontece um salto do número 19 para o 21. Assim, o número real de associados é 47.

²Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>, acesso: 25/10/2017

³Produção jornalística e mercado (ESPM); Comunicação e indústria criativa (Unipampa); Jornalismo (Unifiam-Faam); Indústria criativa (Unicap); Comunicação (UFOP); Comunicação (UFRB); Criação e produção de conteúdos digitais (UFRJ); Cinema e audiovisual (UFF); Inovação na comunicação de interesse público (USCS); Comunicação e sociedade (UFT).

⁴Comunicação (UCB); Comunicação (UFG); Comunicação (UFMS); Comunicação (UNB); Comunicação e Cultura Contemporânea (UFBA); Comunicação (UFC); Comunicação e Culturas Midiáticas (UFPB); Mestrado Profissional em Jornalismo (UFPB); Comunicação (UFPE); Comunicação (UFPI); Estudos da Mídia (UFRN); Comunicação (UFS); Ciências da Comunicação (UFAM); Comunicação, Cultura e Amazônia (UFPA); Comunicação Social (PUC-RS); Comunicação (UEL); Jornalismo (UEPG); Comunicação (UFPR); Comunicação e Informação (UFRGS); Jornalismo (UFSC); Comunicação (UFSM); Comunicação e Linguagens (UTP); Ciências da Comunicação (Unisinos); Comunicação e práticas de consumo (ESPM); Comunicação (FCL); Comunicação e Mercado (FCL); Comunicação Social: Interações Midiáticas (PUC-MG); Comunicação Social (PUC-RJ); Comunicação e Semiótica (PUC-SP); Comunicação[...]

do); UEPG (2013 mestrado); UFPB (2013 mestrado profissional); UFF (PPGMC 2013 mestrado); UFOP (2015 mestrado); Fiam-Faam (2015 mestrado profissional); UFT (2016 mestrado); UFRJ (2016 mestrado profissional); ESPM (2016 mestrado profissional); Unipampa (2017 mestrado profissional). Os programas da Unicap (mestrado profissional) e da UFRB (mestrado) aparecem em situação de projeto no site da Capes.

Atualmente, há 55 programas em funcionamento na área. Destes, 46 tiveram dissertação e tese defendidas até 2015. Desde as primeiras dissertações e teses e em praticamente todos os programas de pós-graduação, o Jornalismo foi objeto de pesquisa constante e significativo. Na USP, até 2005 havia a separação das áreas do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação pelas habilitações – Jornalismo, Publicidade e Propaganda, etc. (ROMANCINI, 2006). O número de pesquisadores jornalistas e que estudam Jornalismo contribuiu para a criação do GT de Jornalismo da Intercom, em 1993, do GT em Jornalismo da Compós, do Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo (com reuniões desde 1994) e da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) em 2003.

Em 2007, foi criado o primeiro Programa de Pós-Graduação específico em Jornalismo na UFSC. Em 2013, iniciou o funcionamento do segundo programa, na UEPG. No mesmo ano teve início o Programa de Mestrado Profissional em Jornalismo da UFPB, modalidade que também passou a existir na Fiam-Faam (2015) e ESPM (2016). Atualmente, além dos programas específicos em Jornalismo, cinco programas de pós-graduação em Comunicação têm linhas pesquisa específicas em Jornalismo: Unisinos (Linguagens e práticas jornalísticas), UFRGS (Jornalismo e processos editoriais), UnB (Jornalismo e sociedade), UFT (Jornalismo, mídias e cultura) e UFPI (Processos e práticas em jornalismo).

Metodologia

O processo do mapeamento das teses e dissertações foi dividido em cinco etapas:

1. Identificação dos programas de pós-graduação, dos repositórios das bibliotecas das universidades e dos sites dos programas das universidades;
2. Busca e organização das pesquisas a partir do banco de teses e dissertações da Capes (1987-2015) por nível (mestrado e doutorado), ano e programa;
3. Cruzamento dos dados fornecidos pela Capes com demais materiais de mapeamento de pesquisas buscando perceber divergências de informações e complementar o mapeamento de 1972 a 1986;
4. Categorização das pesquisas que enfocam o Jornalismo, conforme será especificado a frente;
5. Identificação do sexo dos pesquisadores de Jornalismo.

Para a identificação dos programas de pós-graduação foi utilizada a listagem de associados na Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós), na qual constam 47 programas¹. Por ser facultativa a associação à Compós, também foi utilizada a listagem de programas recomendados pela Capes a partir da plataforma Sucupira². Assim, foram encontrados 55 programas ativos, dos quais dez³ não contam com publicações de dissertações e teses até 2015. Ao buscar no banco de teses e dissertações da Capes foram encontrados os programas extintos de Comunicação (Unimar), Comunicação e Mercado (Faculdade Cásper Líbero) e Comunicação e Artes (Universidade Presbiteriana Mackenzie). Portanto, ao total foram selecionados 48 programas⁴. Buscaram-se no Google os sites dos repositórios de cada instituição de ensino e de cada programa para identificar os que disponibilizam listagem da produção de pesquisas.

Ao terminar a primeira etapa, deu-se início ao mapeamento no banco de teses e dissertações da Capes. Entre os dias 1º de junho de 2017 e 12 de junho de 2017, a partir da palavra-chave “comunicação”, foram localizadas 51.968 pesquisas. A busca foi refinada a partir das áreas de avaliação: Ciências sociais aplicadas I; Ciências Sociais Aplicadas I: Comunicação; Comunicação e informação; Comunicação/Ciência da Informação, o resultado encontrado foi de 15.844. Em seguida, a busca foi filtrada a partir das áreas de conhecimento: Comunicação (aparece duas vezes), Comunicação Visual; Jornalismo e Editoração; Teoria da Comunicação. O resultado encontrado foi de 12.365 pesquisas, que foram catalogadas em arquivo do *Word* por nível, ano e programa.

Por perceber algumas inconsistências nas informações fornecidas pela Capes, também foram utilizados para cruzamento de dados: mapeamento coordenado pela professora Ida Stumpf, no Núcleo de Pesquisa em Informação Tecnologias e Práticas Sociais (UFRGS); dados fornecidos nos sites dos programas de pós-graduação; dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), e dados do Portal Domínio Público. E, para concluir a terceira etapa do levantamento, que corresponde às pesquisas publicadas nos anos de 1972 a 1986, foi utilizado: o Catálogo de teses e dissertações (1972-1987) da UFRJ; o catálogo *Diversidade e interdisciplinaridade: teses e dissertações: Ciências da Comunicação: ECA-USP*⁵, 1972-2002 (LOPES, 2003); o site dos programas da UNB e Umesp; e um cruzamento dos dados obtidos pelo Professor Romancini (2006) para sua pesquisa de doutoramento sobre a PUC-SP com os dados fornecidos pelo repositório da instituição. No fim do cruzamento das informações coletadas e do acréscimo das pesquisas publicadas pós-1987, chegou-se ao resultado total de 13.227 pesquisas defendidas.

Para a quarta etapa, que corresponde à seleção das pesquisas que se enquadram como estudos sobre jornalismo, foram criadas 16 palavras-chave, a saber: jornalismo, jornal, jornalista, imprensa, notícia, nome de empresas de jornalismo, telejornalismo, radiojornalismo, webjornalismo, fotojornalismo, reportagem, repórter, texto jornalístico, assessoria de imprensa, agência de notícia, personalidade teórico/prática do jornalismo. Buscou-se a ocorrência dessas palavras-chave no título, resumo e palavras-chave das pesquisas⁶.

É importante observar a imaterialidade do objeto de estudo do Jornalismo (SILVA, 2009b) e que, portanto, essas palavras-chave não dão conta de catalogar todas as pesquisas que tematizam o jornalismo, muito menos de categorizar quais dessas pesquisas têm como preocupação primária responder questões próprias do jornalismo. Por essa razão, buscamos elaborar um número de palavras-chave com capacidade de seleção máxima de estudos.

Outra observação que fazemos trata dos termos: estudos sobre o jornalismo e estudos em Jornalismo. A divisão entre estudos sobre Jornalismo e estudos em Jornalismo cria uma cisão (SILVA, 2009b). Embora os chamados estudos sobre Jornalismo utilizem a mídia (jornais, televisão, rádio, internet) ou a prática profissional para solucionar problemáticas de outros campos, eles perpassam o Jornalismo e, assim, também resultam em contribuições. O que deve ser observado é a predominância desses estudos, que tomam a materialidade do objeto como objeto em si e esvaziam a discussão epistemológica do jornalismo (SILVA, 2009b). Assim, embora os termos “estudos sobre” e “estudos em” não sejam aqui utilizados como sinônimo também não são antagônicos. São estudos que se complementam e fazem parte da totalidade do campo do Jornalismo⁷.

A última etapa do levantamento diz respeito ao sexo dos pesquisadores. Pela impossibilidade de entrar em contato direto com todos, a classificação aconteceu a partir do nome das pesquisadoras e pesquisadores. Portanto, nomes como José, João e Marcelo, habitualmente nomes masculinos, foram categorizados como de pesquisadores homens. Já os nomes como Maria, Carolina e Fernanda, habitualmente

⁴ [...] (UAM); Comunicação (UERJ); Comunicação e Territorialidades (UFES); Comunicação (UFF); Mídia e Cotidiano (UFF); Comunicação e Sociedade (UFJF); Comunicação Social (UFMG); Comunicação (UFRJ); Imagem e Som (UFSCar); Comunicação Social (UMESP); Comunicação (Unesp); Multimeios (Unicamp); Comunicação (Unimar) Comunicação (Unip); Comunicação e Cultura (Uniso); Comunicação e Artes (UPM); Comunicação (USCS) Ciências da Comunicação (USP); Meios e Processos audiovisuais (USP).

⁵ Versão digitalizada cedida por Richard Romancini.

⁶ Algumas pesquisas não tiveram informações completas disponíveis. Por essa razão, foram analisadas a partir do título disponibilizado pela CAPES e ou pelos próprios programas. Por exemplo, a dissertação de título *A veiculação, circulação e qualidade das informações sobre ciência nos blogs brasileiros, defendida em 2010 na UFAM, não teve resumo e palavras-chave encontrados. Desta forma, não se enquadra como pesquisa em jornalismo a partir dos critérios apresentados, já que não traz nenhuma das palavras-chave criadas para seleção no título.*

⁷ Sob esse aspecto da discussão, consideramos que o esforço deste texto concentra-se em indicar quantas dissertações e teses trazem em seu título, resumo ou palavras-chave alguma das 16 palavras listadas. Fica para análise posterior estudos qualitativos sobre as modalidades pelas quais o jornalismo como objeto empírico se converte em diferentes formas de pesquisa pertinentes ao campo jornalístico.

⁸ Frisamos que os dados apresentados sobre o sexo dos pesquisadores são aqueles possíveis de identificar a partir dos metadados das teses e dissertações e do Lattes. Por tratar de um período longo de investigação e uma quantidade elevada de sujeitos identificados, é muito difícil identificar questões como idade ou origem destes pesquisadores. Contudo, esse primeiro avanço, visando identificar o sexo dos pesquisadores, permite o cruzamento desses dados com os do mercado de trabalho dos jornalistas, já que existem algumas pesquisas com esses indicadores (MICK; LIMA, 2012). Em um momento histórico em que as questões de gênero vem sendo largamente pesquisadas, é importante para o campo do Jornalismo identificar também o lugar das mulheres na pesquisa.

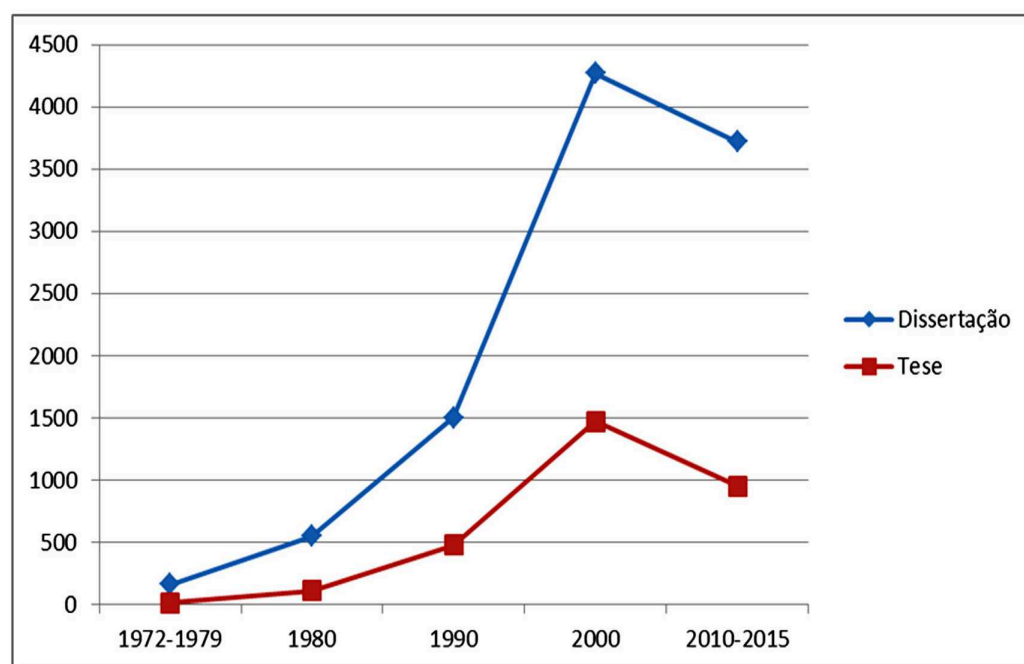
nomes femininos, foram categorizados como de pesquisadoras mulheres. Para os nomes incomuns e/ou que não permitem classificação do sexo da pesquisadora ou pesquisador, recorreu-se aos dados fornecidos pelos próprios pesquisadores à plataforma lattes para identificá-los. Nos casos de ausência na plataforma, buscou-se os pesquisadores em redes sociais e em fóruns de compartilhamento de informações, como *LinkedIn* e *Escavador*. Os casos dos pesquisadores que não foram identificados o sexo configuraram a categoria “Não identificado”. Como, por exemplo, Congyu Huang, que defendeu em 2012 a dissertação *As páginas de opinião dos jornais chineses e brasileiros: uma análise do jornal Zero Hora e do jornal Diário Yangcheng na PUC/RS*⁸.

Resultados

O mapeamento de teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em Comunicação e Jornalismo indica que em 43 anos (1972-2015) foram publicadas 13.227 pesquisas, sendo 10.201 dissertações e 3.026 teses, em 48 programas (47 mestrados, 17 doutorados e um mestrado profissional). Da década de 1970 para a década de 2010, o número de programas de pós-graduação vai de 5 para 46 (dois programas fecharam no período), com uma média de um novo programa por ano.

Outro cenário percebido na área da Comunicação são os períodos de crescimento acentuado tanto de teses como de dissertações. O primeiro momento acontece na diferença da produção nas décadas de 1970 e 1980 (548 dissertações e 108 teses) para a década de 1990 (1.503 dissertações e 479 teses). O segundo, e maior, configura o crescimento da produção na década de 2000 (4.270 dissertações e 1473). Ambos os saltos representam quase a triplicação da quantidade de teses e dissertações.

Gráfico 1 - Teses e dissertações dos programas de pós-graduação em Comunicação e Jornalismo (1972-2015)



Organização: Autores

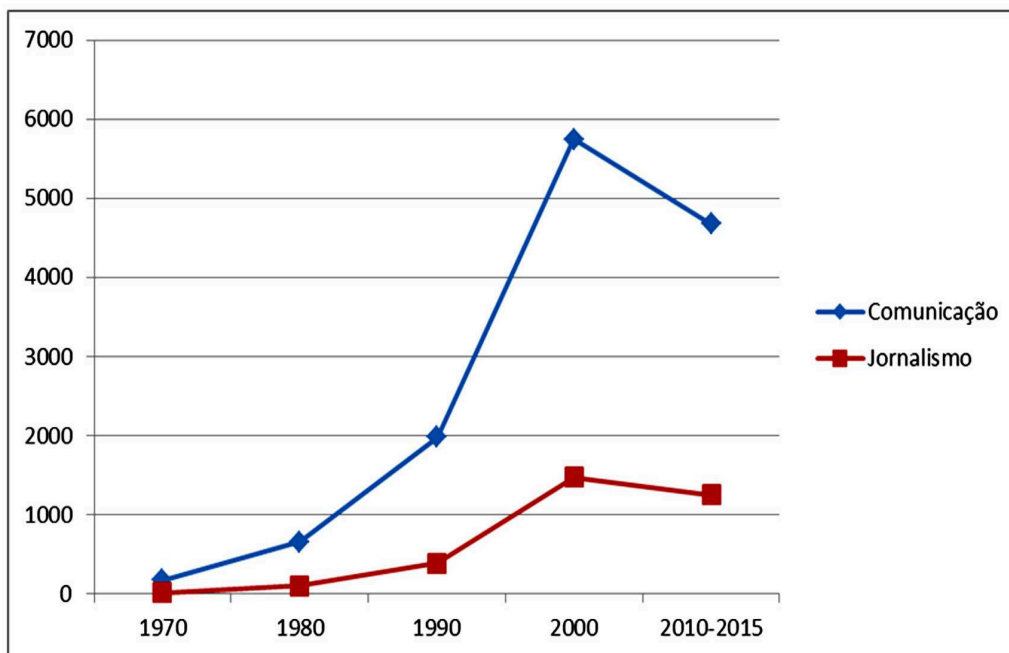
Apenas com a leitura dos dados, a explicação para esses saltos na produção acadêmica é de que, além do surgimento de novos programas a partir da década de

1990 (1990 - seis programas; 1999 - 13 programas), os anos de 2001, 2002 e 2003 apresentam produção atípica. No ano de 2001 o programa de Comunicação da UFRJ publicou 69 dissertações e 34 teses. No ano de 2002 o programa de Ciências da Comunicação da USP publicou 141 dissertações e 60 teses; e no ano de 2003 o programa de Comunicação e Semiótica da PUC- SP publicou 121 dissertações e 53 teses. No decorrer dos anos 2000 essa produção vai sendo descentralizada com novos programas que surgiram em todas as regiões do país. Como visto no Gráfico 1, também é notória a tendência de crescimento da área para a década de 2010, já que em seus seis primeiros anos 87,14% da produção da década passada já foi publicada, devendo ser superada neste ano de 2017.

O Jornalismo está presente em 3.221 das dissertações e teses em Comunicação, o que representa 24,36% do total das produções. São 2.550 dissertações que tematizam o Jornalismo (conforme critério explanado anteriormente) diante de 10.201 dissertações em Comunicação; e 671 teses sobre/ou de Jornalismo das 3.026 defendidas nas pós-graduações. A presença significativa nos resultados de mestrados e doutorados brasileiros permite aferir que proporção aproximada de pesquisadores da área desenvolvem suas carreiras nesta subárea.

O interesse pelo jornalismo em pesquisas acompanha o crescimento da área da Comunicação, com produção crescente na década de 1990 (308 dissertações e 77 teses) e 2000 (1.132 dissertações e 343 teses). Tendência que permanece na presente década (1.015 dissertações e 235 teses).

Gráfico 2 – Comparativo Total de pesquisas (Comunicação - Jornalismo)



Organização: Autores

Em 2007, a UFSC deu início ao mestrado em Jornalismo. Com uma média de dez dissertações publicadas por ano, a porcentagem da produção da pesquisa em Comunicação que tematiza o Jornalismo não mudou significativamente. Em 2007 a porcentagem era de 28,2% (107) e em 2009 de 28,82% (148). Por outro lado, a iniciativa abriu oportunidade para novos projetos. Em 2013, a UEPG e a UFPB (profissionalizante) dão início aos seus programas em Jornalismo. Além dos três programas já citados, a Fiam-Faam e ESPM deram início ao mestrado profissional especializado em Jornalismo, em 2015 e 2016, respectivamente.

É possível observar que, ano a ano, desde 2005, os trabalhos que tematizam o jornalismo diante da produção das pós-graduações em Comunicação superam 25%. A única exceção é 2012, quando a média foi de 22,91%. É possível observar uma crescente constante a partir de 2013. Naquele ano, os trabalhos sobre Jornalismo eram 25,95% das teses e dissertações. Em 2014 a proporção é de 26,56% e 2015, 30,41%, a maior proporção da série histórica.

As tabelas 1 e 2 apresentam os dez programas com maior produção voltada para o Jornalismo. A primeira categoriza aqueles que têm maior volume de pesquisas. É importante observar que os programas mais antigos do país são os que compõem a lista. Por essa razão, a segunda tabela trata da produção proporcional dos programas. Ou seja, a porcentagem de pesquisa em jornalismo do total de pesquisas já defendidas no programa. A surpresa da tabela 2 é o primeiro lugar: a UFMS, que das 26 pesquisas defendidas 18 são em Jornalismo. Por sua vez, a presença da UFPI, com 19 pesquisas em Jornalismo das 29 já defendidas, resulta da linha específica que mantém. O esperado era que os programas da UNB, Unisinos e UFRGS, por serem mais antigos e terem linha de pesquisa específica em Jornalismo, também aparecessem entre os cinco primeiros, o que não se confirma. É importante destacar que na tabela 2 foram excluídos os programas específicos em Jornalismo, pois nesses casos, todos os trabalhos tematizam o objeto em tela.

Tabela 1 - Os dez programas que mais produzem pesquisas em jornalismo de 1972-2015 (numericamente)

Programa/ IES	Dissertação	Tese	TOTAL
Ciências da Comunicação (USP)	346	194	540
Comunicação (UFRJ)	206	77	283
Comunicação e Semiótica (PUC-SP)	183	99	282
Comunicação Social (UMESPE)	211	56	267
Comunicação (UNB)	134	31	165
Comunicação Social (PUC-RS)	113	47	160
Ciências da Comunicação (UNISINOS)	103	50	153
Comunicação e Cultura Contemporânea	93	33	126
Comunicação (UNESP/BAURU)	121	X	121
Comunicação e Informação (UFRGS)	93	24	117

Organização: Autores

Tabela 2 - Os dez programas que mais produzem pesquisas em jornalismo de 1972-2015 (proporcionalmente)

Programa/ IES	%
Comunicação (UFMS)	69,23%
Comunicação (UFPI)	65,51%
Comunicação (FCL)	45,23%
Comunicação (UNESP/BAURU)	45,14%
Comunicação (UFSM)	41%
Comunicação e Informação (UFRGS)	39,93%
Comunicação e Culturas Midiáticas (UFPB)	39,02%
Comunicação e Sociedade (UFJF)	36,74%
Comunicação (UNB)	35,71%
Ciências da Comunicação (UNISINOS)	34,69%

Organização: Autores

A distribuição das pesquisas que abordam o jornalismo pelas regiões do país não apresenta disparidade. Proporcionalmente, o Centro-Oeste é a que mais pesquisa jornalismo, com 34,20%, logo em seguida é o Sul, com 33,90%, e a terceira região que mais pesquisa é o Nordeste, com 32,52%. O Sudeste tem 21,18% das pesquisas em Jornalismo e o Norte 14,49%. O Sudeste é, quantitativamente, a região que mais produz dissertações e teses em Jornalismo e em Comunicação, e o Norte tem a menor produção. É importante apontar que de 2010 a 2015, período em que três programas em Jornalismo contavam com publicações, a pesquisa se concentra no Sul (37,11%), já que dois programas e duas linhas de pesquisas específicas estão na região. O Centro-Oeste (32,66%), o Nordeste (32,72%) e o Sudeste (21,78%) ficam em segundo, terceiro lugar e quarto lugar. A outra especificidade do período de 2010 a 2015 é a região Norte que repete os mesmos 14,49% de pesquisas que tematizam o Jornalismo. Isto acontece porque os dois programas da localidade são recentes. A UFAM teve sua primeira dissertação defendida em 2010 e a UFPA em 2012.

Por fim, traça-se a distribuição do sexo dos pesquisadores em jornalismo. Em números gerais, os trabalhos sobre jornalismo feitos por mulheres somam 370 teses e 1.526 dissertações, o que representa 58,86% dos trabalhos. Nota-se que no início das pesquisas sobre Jornalismo na pós-graduação, até 1989, as mulheres apresentaram 41,44% das dissertações e teses. A participação feminina aumenta na década de 1990, com 52,72% dos trabalhos. Situação que segue como tendência nos anos 2000, com 58,77% dos trabalhos e 2010, com 62,40% dos trabalhos. Este último dado está em simetria com os dados da pesquisa *Perfil do Jornalista Brasileiro* quanto à composição das redações (63%), e pode representar um aumento da proporcionalidade de mulheres exercendo a docência nos próximos anos – a pesquisa perfil indicava que 50% das respondentes que atuavam na docência em 2012 eram mulheres (MICK, LIMA, 2012).

Considerações Finais

Os dados sobre as dissertações e teses sobre Jornalismo nos programas de pós-graduação em Comunicação e Jornalismo no Brasil atestam que a subárea em Jornalismo se justifica não apenas pela força político-acadêmica, mas como realidade, confirmada na pesquisa na Pós-Graduação brasileira. Não se está tratando apenas de um segmento de pesquisa, ou de um interesse de pesquisa, ou de uma prática

profissional. Confirma-se que mais de um quinto das teses e dissertações brasileiras defendidas nos programas de pós-graduação em Comunicação e em Jornalismo tematizam o Jornalismo desde os anos 1970 e nos últimos dez anos essa proporcionalidade mantém-se a um quarto da produção.

A distribuição no tempo confirma que a pesquisa em e sobre Jornalismo sempre foi parte significativa dos programas de pós-graduação em tela. Na presente década, inclusive, a proporção de trabalhos que tematizam o Jornalismo aumentou, chegando a 30% dos trabalhos em 2015. Os programas que quantitativamente mais produziram sobre jornalismo estão na USP, UFRJ, PUC-SP, Umesp e UnB. Destaca-se que os cinco programas são os mais antigos da área. Em termos proporcionais, excetuando os programas específicos em Jornalismo, há maior presença nos programas da UFMS, UFPI, FCL, Unesp/Bauru e UFMS. Mais um dado relevante para atestar que somente a presença de linhas específicas (como é o caso apenas da UFPI) não é a principal motivação para pesquisadores estudarem o jornalismo.

A presença do Jornalismo como parte da produção dos programas de pós-graduação também não está restrita a uma região do país, seguindo tendência da distribuição dos programas. Em termos proporcionais, o Centro-Oeste tem maior presença da pesquisa em Jornalismo, dado que a distribuição entre os programas da região é a mais balanceada - apenas a UCB produz menos de 30%. Além disso, a UNB apresenta uma das cinco linhas de pesquisa específica em jornalismo e uma tradição de estudos sobre o jornalismo. A baixa presença na região Norte acompanha a situação de concentração dos programas de Comunicação, bem como as características da área de concentração e linhas de pesquisa da UFPA e UFAM. Por fim, a maioria das autoras de teses e dissertações em Jornalismo são mulheres, tendência também encontrada na área de Comunicação de modo geral.

Esses dados recebem a clivagem do método de classificação aqui aplicado. Um estudo qualitativo dos temas dos trabalhos, bem como das estratégias metodológicas e teóricas expressas nos metadados de teses e dissertações apresentam-se como próximos passos de investigação. O banco de dados também oferece inúmeras possibilidades de estudos localizados, para identificação dos mais variados aspectos da pesquisa em Jornalismo. Investigações que, sem dúvida, qualificarão os dados e ajudarão na realização de pesquisas da pesquisa que possam, espera-se, dirimir questionamentos e fortalecer epistemologicamente o Jornalismo e, por consequência, os estudos em Comunicação.

Referências

ANUNCIACÃO, Cristiano. O percurso teórico-metodológico dos trabalhos em teorias do jornalismo da SBPJor (2003-2007). **Anais do XIV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Palhoça (SC), 2016. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2016/paper/viewFile/284/109>>. Acesso em 30 out. 2017.

BERGER, Christa. Jornalismo na Comunicação. In: HOHLFELDT, A; WEBER, M.A; BENTZ, I. **Tensões e objetos da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH. **Carta aos coordenadores de área sobre avaliação do qualis periódicos**. Brasília, 26 jun. 2017. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/sbpjour/wp-content/uploads/2017/07/Carta-BJR-Qualis-periodicos-observacoes.pdf>. Acesso em 31 out. 2017.

COSTA, Renata Carvalho da. **Pesquisadores Brasileiros em Periódicos científicos de Ciências da Comunicação**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa**/ Ana Carolina D. Escosteguy (Org.) - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

FERREIRA, Norma de Almeida Sandra. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, v. 23, p. 257.

GONÇALVES, Elias M; SANT’ANNA, J. Limitações metodológicas na pesquisa em Jornalismo Um estudo dos trabalhos apresentados no GT de Jornalismo da (COM-PÓS, 2000-2005). **Anais do X Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Curitiba, 2012. Disponível em: <http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/viewFile/2146/216> . Acesso em 30 out. 2017.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo; ROMANCINI, Richard. Pós-Graduação. In: CASTROS, Daniel; MELO, José Marques de (Org). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil 2011/2012: flagrantes**. V. 2. . P Brasília, 2012. Disponível: http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_panamadacomunicacao_vo_lume02_2012.pdf . Acesso em: 31/07/2017

MACHADO, Márcia Benetti. (2004). **Pesquisa em Jornalismo no Brasil: dados e reflexões sobre três ambientes**. Anais do II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor. Salvador, 2004.

MALDONADO, Alberto E (2003). Explorações sobre a problemática epistemológica no campo das Ciências da Comunicação. In: LOPES, Maria I. V. (org). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Editora Loyola, 2003 p. 205-225.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do Jornalismo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e pesquisa para o jornalismo que está por vir: a função da universidade e os obstáculos para sua realização**. Florianópolis: Insular, 2012.

MEDITSCH, Eduardo; SEGALA, M. Trends in three 2003/4 journalism academic meetings. **Brazilian Journalism Research**. Brasília, SBPJor, v. 1, n. 1, p. 47-60, jan-jun, 2005.

MELO, José Marques; et al. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo - Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação. Brasília, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. HUCITEC-ABRASCO, 1998.

OTRE, Maria Alice Campagnoli. **A pesquisa acadêmica sobre comunicação popular, alternativa e comunitária no Brasil: análise de dissertações e teses produzidas em Programas de Pós-Graduação em Comunicação entre 1972-2012**. Tese (Programa de Pós-graduação em Comunicação Social). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

PEREIRA, Manuel Luís Petrik; WAINBERG, Jacques A. A Estado da arte da pesquisa em Jornalismo no Brasil: 1983-1997. **Revista Famecos**, v. 1, n. 11, p. 27-37, dezembro de 1999.

PINHEIRO, Rose Mara. **A Educomunicação nos centros de pesquisa do país: um mapeamento sobre a produção acadêmica com ênfase à contribuição da ECA/USP**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PONTES, Felipe S. **Teoria e história do Jornalismo: desafios epistemológicos**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Jornalismo), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

PONTES, Felipe S. **Adelmo Genro Filho e a teoria do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.

PROGRAMAS filiados. Lista de Programas associados na Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em: <http://www.compos.org.br/programas.php> . Acesso: 06 fev 2017

ROMANCINI, Richard. **O campo científico da Comunicação no Brasil: institucionalização e capital científico**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SILVA, Gislene da. **Do detalhe ao talhe: Dissertações/Teses em Comunicação Rural uma revisão 1978 - 1988**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social). Universidade Metodista de São Paulo, 1989.

SILVA, Gislene. Problemática metodológica em jornalismo impresso. **Rumores (USP)** , v. 1, p. 1, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51126> Acesso em 30 out. 2017.

SILVA, Gislene. De que campo do jornalismo estamos falando? **Matrizes (USP. Impreso)**, v. 1, p. 197-212, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38248/41038>>. Acesso em 30 out. 2017.

SILVA, Gislene. Sobre a Imaterialidade do Objeto do Estudo do Jornalismo. **E-Com-pós**. Brasília, v. 12, n. 2, 1-14, mai-ago, 2009b. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/372/357> . Acesso em 10 dez. 2017.

SILVA, Gislene; PONTES, Felipe S. Percursos metodológicos e teóricos da pesquisa em história do jornalismo nas teses dos programas de comunicação do Brasil. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 6, n. 1, jun 2010. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/issue/view/16/showToc> . Acesso em 27 out. 2017.

STRELOW, Aline. **O estado da arte da pesquisa em jornalismo no Brasil - 2000-2010**. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, v.02, n.25, p. 67-90, dez. 2011. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/intexto/article/download/22405/14482 . Acesso em 25 out. 2017.

VIEIRA, André Richard Durante. **Os desenhos animados na área da comunicação: conteúdos e abordagens interdisciplinares presentes nas teses e dissertações defendidas entre 1987 e 2010**. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Comunicação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.